

## **LEITURA DE JORNAL: UMA EXPERIÊNCIA NO ENSINO FUNDAMENTAL**

ADRIANA PASTORELLO BUIM ARENA - UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
UBERLÂNDIA – FACED - [adriana@faced.ufu.br](mailto:adriana@faced.ufu.br)

### **Resumo**

O artigo apresenta uma seqüência de dados coletados com um dos sujeitos integrantes de uma pesquisa-ação realizada em nível de doutorado, cujo tema central era a leitura do jornal impresso e digital por crianças brasileiras e portuguesas, matriculadas no ensino fundamental. Trata-se de uma investigação de cunho essencialmente qualitativo e interpretativo. A leitura do jornal impresso e do jornal on-line foi o objeto de análise da tese cujo objetivo era o de compreender e discutir os indícios que se destacam nessas práticas de leitura em contextos educacionais diferentes. Foram selecionadas seis professoras e trinta alunos, entre 9 e 10 anos, de quatro escolas públicas, sendo uma do Brasil e três de Portugal. Metodologicamente, o trabalho de pesquisa foi dividido em duas partes, a primeira realizada no Brasil e a segunda em Portugal. Discutirei aqui apenas dados representativos de uma experiência de ensino com 6 alunos brasileiros de uma escola pública da cidade de Marília. A metodologia escolhida para o desenvolvimento da primeira parte deste estudo visava a encontrar indícios de práticas de leitura do jornal impresso transportadas para situações de leitura do jornal on-line. Neste artigo serão analisados os dados que apresentam o percurso de leitura feito por um dos sujeitos da pesquisa com o jornal impresso. Esse recorte tem como objetivo discutir o fator que determinava a seleção de uma notícia para a leitura. A análise demonstra que o sujeito encontrava informações, palavras-chave que acionavam seu interesse e por esse motivo continuava a ler. As escolhas passavam pelo conhecimento sócio-cultural do sujeito. Seus olhos eram guiados por palavras que faziam sentido para busca. Concluiu-se, com os dados, que o fator decisivo que impulsiona a leitura do jornal impresso é a experiência que o leitor possui sobre os assuntos.

### **Palavras-chave:**

### **Introdução**

Este artigo discute alguns aspectos teóricos e metodológicos de pesquisa numa perspectiva sócio-cultural, buscando compreender a utilização do jornal, pelo

aluno, como material de leitura e sua apropriação desse meio de comunicação. Esse tipo específico de material de leitura fornece diferentes textos, de diferentes gêneros simultaneamente, possibilitando ao aluno o desenvolvimento de diversas atitudes importantes para o aprendizado da língua e, por meio deles, inserção em situações atuais, provocadoras de reflexão sobre o seu meio social.

Será apresentada uma seqüência de dados coletados com um dos sujeitos integrantes de uma pesquisa-ação de doutorado, cujo tema central fora a leitura do jornal impresso e digital por crianças brasileiras e portuguesas, matriculadas no ensino fundamental. Aqui, especificamente, os dados se referem à leitura do jornal impresso *Folha de S. Paulo* realizada por apenas um dos sujeitos.

Na ordem de exposição dos dados será apresentada inicialmente a justificativa da escolha do jornal como material para a leitura e em seguida o relato do percurso de leitura feito pelo aluno ao usar o jornal impresso. O relato será seguido de reflexões e análises apoiados teoricamente nos autores citados na referência deste artigo.

### **O gênero como instrumento**

Segundo Schneuwly (2004), o gênero textual é um instrumento, no sentido marxista do termo, por ser um fator de desenvolvimento das capacidades individuais. Para Marx e Engels (2005, p.109), “a apropriação não é senão o desenvolvimento das capacidades individuais correspondentes aos instrumentos materiais de produção. A apropriação de uma totalidade de instrumentos de produção é o desenvolvimento de uma totalidade de capacidades nos próprios indivíduos”.

Nesta perspectiva, pode-se dizer que a atividade de leitura é mediada por três variáveis, o sujeito, o texto em seu suporte socialmente elaborado, que contém a terceira variável, isto é, as experiências e conhecimentos produzidos e organizados historicamente para a constituição dos objetos. Todo instrumento, entendendo a palavra *instrumento* como objeto socialmente elaborado, como a escrita, o jornal impresso, ao ser usado, define o comportamento do leitor. Entretanto, como novas necessidades também geram novas transformações no instrumento, essas, por sua vez, também provocam alterações no comportamento do sujeito. O jornal impresso, aqui sob análise, exige determinados comportamentos de leitura, enquanto outros materiais exigem outros. Não podemos entender o texto escrito, mesmo no jornal, como se fosse submetido a uma única formatação. Histórica e culturalmente, os homens inventaram e

reinventam gêneros, de acordo com finalidades desejadas. Para isso, o homem desenvolveu as especificidades que caracterizam cada gênero. Não são todos um único instrumento, mas vários instrumentos diferentes que provocam atividades e comportamentos de leitura diferentes. “Um instrumento medeia uma atividade, dá-lhe uma certa forma, mas esse mesmo instrumento representa também essa atividade, materializa-a” (SCHNEUWLY, 2004, p.24).

Para Bakhtin (2003), os gêneros, embora sejam “mutáveis e flexíveis”, têm certa estabilidade porque definem aquilo que será dito, assim como o que será dito exige a escolha de um gênero. A apropriação do instrumento, gênero textual, pela criança provoca novos conhecimentos e saberes, que norteiam e orientam suas ações. O jornal é produto do meio social e, portanto, deve haver uma correspondência entre os signos lingüísticos sociais exteriorizados pela palavra escrita e signos internos da criança, também gerados pela ideologia social do contexto em que está inserida. No entanto, os fatos escolhidos para ser notícia estão vinculados ao dia-a-dia de uma classe social que compra o jornal, mas que não a classe que pertence a maioria dos alunos. Muitos alunos não vêem o jornal como um veículo de comunicação, porque o jornal impresso ou falado não aborda questões sociais prioritárias para as classes de nível econômico baixo. Nem sempre as notícias trazidas pelos jornais correspondem a um imediato diálogo entre alunos e sociedade. Isso ocorre porque o editor, para veicular suas notícias, pensa no seu público de leitores antes de distribuir os exemplares para as bancas. É possível que o aluno venha a compreender que o jornal é um objeto social fruto das tensões entre diversos grupos sociais. Embora o jornal traga excesso de informações, as prioridades daqueles que são vítimas do regime econômico-social não ocupam nele lugar de destaque.

Essa característica aparentemente negativa, entretanto, pode proporcionar um vasto campo ao professor para ensinar seus alunos a selecionar e organizar os fatos, comparando-os e criticando-os, a fim de desenvolverem estratégias e processos cognitivos que contribuam para a realização de uma leitura profunda quando, ambos, alunos e gêneros textuais, estão inseridos no fluxo lingüístico social e dinâmico. É possível pensar dessa forma ao se considerar o aluno como um ser que observa e que se relaciona com o fenômeno, ou com o fato real, e como um indivíduo histórico que examina a realidade a partir de sua atividade com o meio e com os outros homens, com determinados interesses e objetivos, no conjunto de relações sociais em que vive.

O exercício de ler para compreender o fenômeno é a busca da essência,

da realidade, porque o que está ao alcance do homem é apenas o fenômeno, ou seja, a aparência do real. A essência do fenômeno é composta por inúmeras variantes sociais, históricas e individuais que a compõem, mas que são manifestadas em sua aparência. A essência é contraditória, é fluida é dialética. Na leitura, o homem desenvolve o pensamento abstrato em busca da essência, da realidade, que não pode ser pensada como única. Antes de iniciar qualquer leitura, o homem deve pressupor que “existe uma oculta verdade da coisa, distinta dos fenômenos que se manifestam imediatamente” (KOSIK, 1976, p.13).

Diante da concepção ampla de que aprender a ler significa também aprender a ler o mundo, dar sentido a ele e a nós próprios, em busca da essência dos fenômenos, o trabalho com a leitura, especificamente de jornais, oferece as condições para que o aluno realize leitura autônoma, inserido no contexto social, dialogando com signos ideológicos e contraditórios próprios da cultura, que podem divergir dos interesses de sua classe social. O aluno necessita constantemente da prática da leitura, do confronto com as idéias de classes sociais diferentes para avançar seu crescimento pessoal, para aprender que “o conhecimento se realiza como separação de fenômeno e essência, do que é secundário e do que é essencial” (KOSIK, 1976, p. 14). O jornal, por sua vez, possibilita o contato com questões prioritárias de determinadas camadas sociais e esse fato levará o aluno leitor a estabelecer relações com as informações de seu dia-a-dia com os problemas de sua classe social. Assim poderá, em meio às contradições, situar os problemas e integrá-los às características do momento histórico em que vive.

A linguagem jornalística traz as contradições presentes no contexto histórico-social em que o aluno vive e, por meio destas contradições, os signos verbais tomam forma e conteúdo, e possibilitam o diálogo entre as classes sociais. O uso do jornal, abordado em sua complexidade com os alunos, conduzirá os sujeitos da pesquisa a desenvolver, com maior entusiasmo, rapidez e autonomia, estratégias de leitura de leitores típicos de jornal. Devido ao caráter diversificado em relação aos gêneros de escrita e múltiplos referenciais de realidade social que este material apresenta, os alunos poderão estabelecer relações entre a escola e a sociedade, e discutir a partir dessa situação, informações do mundo que os cercam diariamente, e se apropriar de uma das grandes ferramentas que favorecem o desenvolvimento do pensamento. Ao usar a leitura do texto verbal esse material enriquece o acervo cultural do aluno e permite troca de idéias em diálogos com textos diversos e relatos de experiências, os alunos desenvolvem algumas importantes capacidades para o bom desempenho como leitor.

Para avançar como leitor, o aluno deve aprender como é a estrutura padrão dos jornais e as características próprias deste tipo de suporte para que, esclarecido sobre os gêneros textuais e formatação, possa transitar facilmente neste meio de comunicação em busca de informações.

O jornal é um suporte que traz em si diferentes gêneros textuais, e partilhar essa informação com o aluno facilita a escolha da estratégia utilizada pelo leitor quando procura um texto. Diante do que tem a escrever, o jornalista escolhe o gênero que comporta aquele assunto. A estrutura do texto de um artigo de opinião é diferente de uma notícia. Segundo Bakhtin (2003, p.262),

o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional estão indissolavelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação [...] a riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas.

No jornal pode ser encontrada essa diversidade de que fala Bakhtin: notícia, artigo de opinião, editorial, reportagem, crônica e alguns tipos de entrevistas. O aluno recebeu, durante a pesquisa, informações específicas de como esses gêneros se constituem e de seus elementos básicos para que, no momento da leitura, essas informações pudessem ajudar na compreensão. Segundo Solé (1998, p. 86), é importante que professores e alunos saibam diferenciar gêneros textuais, pois

a estrutura do texto oferece indicadores essenciais que permitem antecipar a informação que contém e que facilitam enormemente sua interpretação [...] Não se trata tanto de ensinar que isto é uma narração e aquilo um texto comparativo, mas de ensinar o que caracteriza cada um destes textos, mostrar as pistas que nos conduzem à sua melhor compreensão e fazer com que o leitor adquira consciência de que pode utilizar as mesmas chaves que o autor usou para formar um significado, porém desta vez para interpretá-lo.

Neste contexto, o jornal foi usado como instrumento pelos sujeitos. A coleta de dados buscava indícios de como o aluno se apropriava do gênero jornalístico.

### **A leitura do jornal**

Cada aluno recebeu um exemplar de um jornal da *Folha de S. Paulo* e as seguintes instruções: *Imagem que vocês têm 20 minutos para ler o jornal. Leiam o que quiserem e como quiserem. Depois conversaremos sobre o que leram.*

Essa foi a instrução dada às crianças antes que se iniciasse a gravação. Todos os alunos ficaram envolvidos em atividades de leitura previamente preparadas pelo pesquisador. Um aluno, por vez, era separado do grupo para realização da coleta. A câmera ficava posicionada ao lado da criança, gravando as ações do leitor sobre o jornal. Como já anunciado anteriormente, neste artigo, será apresentado apenas o percurso realizado por um dos sujeitos da pesquisa que será denominado pela inicial de seu nome **O**. Para que o leitor compreenda as relações e análises que serão feitas a partir das falas do sujeito, será apresentada a notícia escolhida pelo aluno, seguida do diálogo entre pesquisadora e sujeito. Foi necessário motivar o diálogo sobre as leituras feitas durante a coleta, por perguntas que eu elaborava, a partir do comportamento que o aluno apresentava durante a coleta, e a respeito de enunciados que emitia no decorrer do diálogo. Na seqüência do relato, demonstrarei que o aluno entendia e obtinha sempre mais informações do que aquelas que eram exteriorizadas.

Passarei, agora, a relatar e analisar os dados da coleta com o jornal impresso. Optei por apresentar o diálogo estabelecido durante a entrevista na íntegra como forma de situar o leitor no contexto em que a fala analisada ocorrera. O texto lido pelo aluno também será apresentado no corpo do texto para que o leitor não tenha que interromper o percurso de sua leitura dando um salto para o anexo deste artigo, pois julgo esta estratégia bastante improdutiva.

O aluno **O** escolheu uma resenha de um programa de TV da *Folha Ilustrada* sobre o herói *El Cid*. A matéria é uma resenha que tem a intenção de recomendar ao leitor assistir a um episódio de “Os conquistadores”, sobre grandes líderes militares, que passaria no canal fechado de televisão *The History Channel*.

## HISTÓRIA

## Especial faz retrato correto do herói El Cid

RICARDO BONALUME NETO

DA REPORTAGEM LOCAL

O espanhol Rodrigo Díaz de Vivar, nascido entre 1040 e 1044, morto em 1099, foi um dos maiores guerreiros de todos os tempos. Ele é mais conhecido pela alcunha El Cid Campeador, e sua fama persiste ligada à Reconquista, período de retomada pelos cristãos da península Ibérica dominada pelos muçulmanos ou "mouros".

Na visão popular ele se tornou o grande herói da cristandade ibérica, símbolo da Reconquista que começaria já em 711 —ano da conquista islâmica— até 1492, quando a última cidade moura, Granada, se renderia.

O episódio de "Os Conquistadores", sobre grandes líderes militares, dá a dimensão correta dessa figura histórica. El Cid não era ainda um cruzado. Ao contrário, durante um período de exílio, chegou a servir a um governante islâmico e lutar contra cristãos.

O mito do herói da Reconquista foi criado pouco depois de sua morte, com a veneração que seu túmulo perto de Burgos causava. Mas foi um poema, "El Cantar de Mio Cid", ou "El Poema del Cid", do começo do século 13, que lançou as bases da lenda.



Associated Press

Charlton Heston (à esq.), que viveu El Cid no cinema em 1961

No poema ele não aparece em nenhum momento lutando ao lado dos mouros, como lembram os historiadores entrevistados no documentário.

Mas o Cid real mantém sua estatura. Foi um daqueles raros guerreiros de quem se pode dizer que era "invencível", pois nunca perdeu um combate ou deixou de conquistar uma cidade.

Ele era um autêntico "free lancer", no sentido literal da expressão —um "lanceiro livre", quase um mercenário. Começou servindo a reis de Castela, passou cinco

anos exilado servindo ao emir de Saragoça e depois conquistou suas próprias terras em torno de Valência, onde morreu em paz.

Não deixou sucessores à altura, o que causou a retomada de Valência pelos mouros. A Reconquista só deslanchou na primeira metade do século 13, coincidindo com o poema que cimentou sua reputação.

**Os Conquistadores - El Cid**

**Quando:** amanhã, às 22h, no The History Channel

Figura 1 – Texto do jornal Folha de S. Paulo sobre El Cid - Ilustrada – p. E4 19/04/2006

**Diálogo entre pesquisador e aluno após a leitura**

Pesquisadora – *Fale sobre o que você leu.*

Aluno O – *Eu li sobre El Cid, o herói, e li que ele também nunca deixou de conquistar uma batalha nas cidades que passou. Também li que uma pessoa desenhava ele.*

No texto não há referência sobre um desenho de *El Cid* feito por alguém. No entanto, há uma foto seguida de uma legenda “*Charlton Heston (à esq.), que viveu El Cid no cinema em 1961*”. Levanto a hipótese de que o aluno poderia ter entendido que *Charlton Heston* teria desenhado *El Cid*. É comum em apresentações de heróis de histórias em quadrinhos aparecerem figuras que os representam.

Pesquisadora – *Você já conhecia o El Cid, já tinha ouvido falar nele?*

Aluno O – *Não, mas é que eu li a palavra herói e eu também gosto de ler sobre herói, então eu li.*

É possível inferir, por este indício, que as escolhas passam pelo conhecimento de mundo de cada aluno. O aluno O busca assuntos já abordados de alguma maneira em seu cotidiano. Essa fala parece confirmar a hipótese levantada no primeiro momento a respeito do desenho de *El Cid*, porque se tornou evidente, com o depoimento, que o aluno pensou em *El Cid* como um herói de ficção.

Pesquisadora – *Eu gosto desse herói. Tem até filme dele. Se você quiser ver essas batalhas é só pegar o filme em uma locadora com esse nome El Cid.*

Aluno O – *Ah, que legal. Quando for na locadora com meu pai vou procurar.*

Pesquisadora – *Que mais fala sobre ele?*

Aluno O – *Ah, eu só lembro isso aí.*

O texto é bastante difícil para a idade do aluno. Aborda a *Reconquista*, um período de retomada pelos cristãos da península Ibérica dominada pelos muçumanos ou mouros. Tudo aquilo que leu, mas não correspondeu, de alguma maneira, ao seu contexto pessoal e conhecimentos acumulados, não foi internalizado. O aluno leu, mas não encontrou sentido na História e, por isso, não pôde comentar o que não conhecia. O que fazia sentido no momento da leitura era a palavra *herói*, comum do mundo da criança que assiste a filmes e desenhos animados sobre heróis. Ele buscava em *El Cid* as características dos heróis que conhecia. Encontrou uma delas, um guerreiro que vencia muitas batalhas. Arrisco a dizer que continuou lendo a notícia até o seu final somente porque encontrou algo que viera ao encontro de suas expectativas.

Pesquisadora – *E você leu mais alguma coisa?*

Aluno O – *Li sobre a APAE, de São Paulo, que ia começar a beneficiar os deficientes. A partir dos 18 anos vão começar a beneficiar eles. E também que a justiça paulista também com a APAE de São Paulo que também vai beneficiar.*

Pesquisadora – *Beneficiar de que jeito? Vão dar dinheiro?*

Aluno O – *É. Acho que é isso aí, porque vão dar três mil ou ajudar três mil, não sei.*

Em uma leitura despreocupada sem nenhuma intenção prévia, o leitor encontra informações durante o percurso que acionam seu interesse. Faz correspondência com alguma outra informação que já tenha adquirido em outro contexto. Quanto mais ampla for a teia de informações que o leitor tenha, mais possibilidades existem de novas conexões serem estabelecidas na leitura. A leitura amplia a teia e a teia oferece possibilidades de leituras diferentes.

Pesquisadora – *E tem alguma imagem, legenda de que você se lembre?*

Aluno O – *Ah, tem uma num cavalo, que ele é tipo um cimento. É uma foto assim (ergue os braços indicando que o cavalo estava dando pinote) e tem uma legenda, mas eu nem li.*

Pesquisadora – *Ah, você não leu. Mas, se é de cimento deve ser para enfeite em alguma cidade.*

Aluno O – *É ele fica num negócio que sai um monte de água.*

Pesquisadora – *Ah, um chafariz.*

Aluno O – *É.*

Pesquisadora – *Você consegue achar a foto?*

Aluno O – *Aqui olhe.*

VISTA REFORMADA

## Edifício Itália, cartão-postal de SP, é restaurado

Obras duraram 18 meses e custaram R\$ 1,8 milhão; prédio foi projetado nos anos 60 pelo arquiteto Adolf Franz Heep

RICARDO GALLO  
DA REPORTAGEM LOCAL

No terraço do edifício Itália, a 151 metros de altura, três funcionários de uma empreiteira aproveitavam a fria manhã de ontem para remover os últimos equipamentos fixados no lado externo do prédio. Deztois meses de trabalho e R\$ 1,5 milhão depois, a restauração de um dos arranha-céus mais emblemáticos de São Paulo está no fim —termina na próxima sexta-feira.

"Lembro de quando vim colocar os equipamentos aqui", diz Clemlton Cabral de Oliveira, 21, piauiense que estreou nas alturas, como funcionário de uma empresa de andaimes, exato um ano e meio atrás, no Itália. "Deu medo, depois acostumei", diz ele, salário de R\$ 660 mensais, sobre a distância entre a cobertura e o chão, no cruzamento das avenidas São Luis e Ipiranga, no centro.

Custada pelos condôminos do prédio, a reforma recobrirá 650 m<sup>2</sup> em fulget, um material composto de cimento, cal, quartzo e dolomita que compõe a parte externa do edifício Itália e estava desgastado. "90% [desse total] estavam por cair", afirmou Gil Junqueira Meireles Filho, diretor da Companhia do Restauo, empresa responsável pela obra. Faltava, apenas um trecho da fachada frontal.

O desgaste, explicou Meireles Filho, ocorreu graças a um processo de ferrugem das estruturas de ferro sob o fulget. "Houve infiltração, a ferragem expandiu e expulsava o fulget." A substituição deixou o piso em tom mais claro que os originais, mas, segundo a empresa, as cores se tornam uniforme com o passar dos anos.

A restauração foi submetida aos órgãos de patrimônio histórico —o Itália é tombado pelo Conpres (conselho municipal) e Condephaat (estadual).

Além da substituição dos fulget, toda a fachada externa foi lavada com um detergente especial e água. O mesmo ocorreu com as cerca de 36.900 pás dos brises, quebra-sol de metal que orna as janelas. O Cavallo Rampante, obra em bronze do escultor italiano Pericle Fazzini, no edifício desde 1974, também foi restaurado.

Projetado na década de 60 pelo arquiteto Adolf Franz Heep, o Itália, uma das mais belas vistas de São Paulo, foi inaugurado em 1965. É o segundo edifício mais alto da cidade, atrás apenas do Mirante do Vale, na avenida Prestes Maia (170 m). Tem 44 andares, 19 elevadores, um teatro, um restaurante e 52 mil m<sup>2</sup> de área construída.

EDIFÍCIO ITÁLIA  
Onde: Avenida Ipiranga, 344

Foto: Museu Luperon Junior/Folha Imagem

O Cavallo Rampante, obra do escultor italiano Pericle Fazzini, e a fachada do Itália, que passaram por reforma durante 18 meses

Funcionário da obra observa a cidade a partir do edifício Itália, a cerca de 150 metros de altura

PATRIMÔNIO

### Sem restauo, vila de SP perde investimento

O impasse sobre a recuperação dos edifícios históricos da Vila Maria Zélia custou ao local, a primeira vila operária da cidade de São Paulo, a perda de um centro de capacitação custeado com recursos da União Europeia (UE). Isso porque não há previsão para reformar o prédio que seria utilizado como sede do centro —e o projeto da UE deveria estar em funcionamento ainda neste ano.

A UE assinou em fevereiro um convênio com a prefeitura para ações de inclusão social em São Paulo, entre as quais o centro de capacitação na vila. Pelo acordo, a UE financiará 7,5 milhões de euros em cinco anos, a fundo perdido, enquanto a prefeitura terá contrapartida de igual valor.

A proposta original, de acordo com notícia publicada em fevereiro no site da prefeitura, é que o centro oferecesse atividades de capacitação profissional para 4.900 jovens, com cursos de reforma e restauo, construção civil, ofícios da cultura e mobiliário urbano. A implantação seria no segundo semestre deste ano.

"Não haverá tempo hábil para instalar a escola dentro do cronograma", afirmou Ana Carolina de Andrade Carvalho, assessora técnica da Secretaria Municipal do Trabalho. Segundo ela, a pasta discute a escolha de um outro local, em parceria com investidores da iniciativa privada.

O maior entrave à revitalização é que os prédios de uso social da vila, aqueles que precisam ser revitalizados, precisam estar em nome da prefeitura. Hoje, entretanto, pertencem ao INSS. É o caso da escola das meninas, onde o centro seria instalado, e também de dois armazéns, da igreja, da casa do administrador e do açougue —fechados anos 80.

Segundo a Subprefeitura da Mooca, uma comissão já estuda a incorporação, pela prefeitura, dos edifícios. O INSS confirmou a negociação, mas disse que não há prazo para que ela se concretize.

Figura 2 – Texto do jornal Folha de S. Paulo – Cotidiano p. C3 19/04/2006

Pesquisadora – Ah, vamos ver? “Cavallo Rampante, obra do escultor italiano Pericle Fazzini, e a fachada do Itália, que passaram por reforma durante 18 meses”.

Lia a legenda inteira para o aluno, quando, bruscamente me interrompeu:

Aluno O – Li só até aqui (apontou a palavra cimento no corpo da notícia). *Aí eu vi que era de cimento e estátua, então, não continuei. Eu gosto muito de animais, mas gosto de vivo, não estátua.*

A palavra cimento está localizada no início do terceiro parágrafo, conforme pode ser observado na figura 2. O aluno leu dois grandes parágrafos em busca de informações sobre o cavalo, mas somente confirmou que não se tratava de um animal vivo, quando encontrou a palavra *cimento*. Para um leitor experiente, bastaria a leitura

do título para saber que não se tratava de um animal vivo, ou da expressão *O Cavalo Rampante, obra do escultor italiano*. A palavra *escultor* seria determinante para a compreensão. Possivelmente, o estudante não sabia seu significado e, por essa razão, leu parte da notícia para tomar a decisão de ler ou não o texto completo. A atitude desse aluno, como leitor, neste caso particular, foi a de abandonar a leitura, quando percebeu que o assunto não correspondia ao seu interesse. Trata-se de uma atitude comum a qualquer leitor experiente.

Nas entrevistas realizadas anteriormente à coleta, o aluno relatou que o seu interesse era por animais, posteriormente confirmado pela professora. É possível concluir que o conjunto de informações que o aluno tem, interfere nas escolhas que faz, na profundidade da compreensão e nas atitudes que desenvolve para se tornar leitor pleno.

Para Smith (1999), ao entrarmos em contato com informações visuais e estas se conectarem informações não visuais, de que nos apropriamos ao longo do tempo, compreendemos o que lemos à medida que necessitamos aprender ou resolver dúvidas. Segundo Arena (2003), não lemos por hábito, por gosto ou por prazer, mas por necessidades que são geradas a partir das relações sociais entre os indivíduos. Para que a compreensão aconteça, o leitor deve se fazer perguntas para obter respostas, condição necessária para o entendimento do texto. Teberosky (2003, p. 28-29) aponta a necessidade de o leitor adotar um pensamento estratégico para a elaboração do significado durante o processo de leitura. Compreender o propósito de leitura; colocar na leitura seus interesses e suas motivações, assim como seus conhecimentos prévios; focalizar aquilo que é importante; avaliar a consistência interna do texto, sua adequação ao conhecimento prévio e o grau em que responde às expectativas geradas; comprovar em que medida vai compreendendo o texto mediante a recapitulação, a revisão e a indagação; elaborar e tentar inferências de diferentes tipos, como interpretações, hipóteses, antecipações e conclusões são atitudes possíveis de serem aprendidas. O aluno, na relação com o professor, age testando estas estratégias para alcançar progressivamente sua autonomia de leitor. Na leitura,

não existe uma correlação clara e definida para o ensino tão identificável como acontecia com os modelos anteriores. As propostas desse modelo que podem ser consideradas tributárias partem de uma visão de aproximação da

leitura mediante a combinação de análise e síntese, que inclui o ensino explícito da decifração em contextos significativos, e admitem que é preciso continuar ensinando estratégias de leitura mesmo depois que o estudante aprendeu a ler. (TEBEROSKY, 2003, p.24-25).

Nesta perspectiva, não formamos o leitor pronto no final da escolaridade exigida, mas um leitor com uma atividade cognitiva complexa, capaz de se posicionar de forma ativa diante de um novo texto. Para Bakhtin (2003), durante a leitura se estabelece uma relação dialógica com o outro, com o autor e com tantos outros que compõem nosso eu.

## **Conclusão**

Embora todos os educadores acreditem na importância de que sejam criadas com os alunos a necessidade de ler, muitos deles apenas utilizam livros didáticos que, devido às suas limitações, mais inibem do que criam verdadeiras situações de leitura. É possível que um professor possa suprir falhas dos manuais adotados, ao inserir diálogos críticos entre ele e seus alunos sobre o material de trabalho. Contudo, o professor poderá ter o jornal em sala de aula como um aliado que trará oportunidades raras de realização de leituras efetivas, por ampliar a noção de realidade social que permeia as escolas e apresentar, no cotidiano dos alunos, situações reais produzidas pelas relações sociais.

Pelos dados apresentados conclui-se que o fator decisivo que impulsiona a leitura do jornal impresso é a experiência que o leitor possui sobre o tema e sobre a estrutura do jornal. Por isso, como sempre, é necessária a mediação docente.

O aluno buscava temas de leitura com que, de alguma forma, já tivesse tido alguma aproximação. No entanto, ao acessar o caderno de seu interesse no jornal impresso, o aluno, sujeito desta pesquisa, ampliava a leitura sem nenhuma intenção de busca, fazendo varredura no material. Neste percurso encontrava informações, palavras-chave que acionava seu interesse e por isso continuava a leitura. Durante a busca da matéria sugerida pela pesquisadora, os olhos do sujeito eram guiados por palavras que faziam sentido para busca. A profundidade da compreensão do assunto lido era, portanto, determinada pelo conhecimento prévio do leitor diante do assunto lido, pelas práticas anteriores e pela familiaridade com a formatação do material usado na leitura.

Os dados demonstram que quanto maior for o leque de assuntos de que o aluno tenha se apropriado no decorrer de sua experiência, de seu interesse específico de leitura e da necessidade de informações, maior será o tempo investido na leitura.

## **REFERÊNCIAS**

ARENA, D. B. Nem hábito, nem gosto, nem prazer. In: MORTATTI, M. R. L. (Org.). **Atuação de professores: propostas para ação reflexiva no ensino fundamental**. Araraquara: JM, 2003. p.53-61.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

KOSIK, K. **Dialética do concreto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

MARX, K. **A ideologia Alemã**. São Paulo: Centauro, 2005.

SCHNEUWLY, B. Gêneros e tipos de discurso: considerações psicológicas e ontogenéticas. In SCHNEUWLY, B; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas, Mercado das Letras, 2004.

SMITH, F. **Leitura significativa**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

SOLÉ, I. **Estratégias de leitura**. Porto alegre: Artes Médicas, 1998.

TEBEROSKY, A. (Org.). **Compreensão de leitura: a língua como procedimento**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2003.